



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**  
**DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**RAKEL BESERRA DE MACÊDO VIANA**

**VARIAÇÃO, MUDANÇA E ATITUDES LINGUÍSTICAS: A VARIAÇÃO DOS  
VERBOS EXISTENCIAIS NO FALAR CULTO PORTUGUÊS EM AMOSTRAS DO  
PE E PB**

**FORTALEZA – CE**

2020

RAKEL BESERRA DE MACÊDO VIANA

**VARIAÇÃO, MUDANÇA E ATITUDES LINGUÍSTICAS: A VARIAÇÃO DOS  
VERBOS EXISTENCIAIS NO FALAR CULTO PORTUGUÊS EM AMOSTRAS DO  
PE E PB**

Projeto de tese de doutorado apresentado  
à Coordenação do Programa de Pós-  
Graduação em Linguística Aplicada  
(PosLA) da Universidade Estadual do  
Ceará.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aluiza Alves  
de Araújo

Coorientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Maria  
Pinguinha França Bazenga

Área de concentração: Linguagem e  
Interação

FORTALEZA – CE  
2020  
**SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....	5
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	8
2.1 GERAL: .....	8
2.2 ESPECÍFICOS: .....	8
<b>4 HIPÓTESES</b> .....	9
<b>5 QUADRO TEÓRICO</b> .....	10
5.1 ADVENTO E CONSOLIDAÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .....	10
5.2 AS COMUNIDADES DE FALA ENVOLVIDAS NA PESQUISA .....	13
5.3 O FENÔMENO EM ESTUDO NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA.....	14
4.3.1 Os existenciais em tempo real no Português Brasileiro .....	14
4.3.2 Os existenciais no Português Europeu .....	16
4.3.3 Os existenciais em outras variedades do Português .....	16
5.4 EM BUSCA DE MAIS RESPOSTAS: TESTES DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .....	19
<b>6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DA ÉTICA À ANÁLISE ESTATÍSTICA: OS <i>CORPORA</i>, AS AMOSTRAS, AS VARIÁVEIS, A COLETA DE DADOS E A ANÁLISE ESTATÍSTICA</b> .....	19
6.1 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP .....	19
6.2 DOS <i>CORPORA</i> E SUAS AMOSTRAS .....	20
6.3 DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS.....	22
6.4 DOS PROCEDIMENTOS DE COLETA .....	23
6.5 A ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	24
<b>7 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO</b> .....	24
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	25

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1</b> – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na amostra do PORCUFORT Fase I, década de 1990 e Fase II, final da década de 2010 .....	21
Quadro 2 - Distribuição dos informantes das amostras do NURC Recife .....	21
Quadro 3 - Distribuição dos informantes nas amostras do PE continental e insular.....	22

## 1 INTRODUÇÃO

Os verbos existenciais...

## 2 JUSTIFICATIVA

Toda língua é, ao mesmo tempo, heterogênea e organizada (LABOV, 2008). Posto isso, tanto o português Europeu (doravante PE) quanto o português do Brasil (doravante PB) também apresentam grande diversidade de falares, tanto entre si mesmas, como enquanto oriundas da mesma língua: o português.

A literatura sobre a variedade de falares da língua portuguesa atesta diferenças entre o PE, PB e o português africano (doravante PA). Além disso, também existem especificidades nos dialetos insulares do PE que constituem um grupo dialetal distinto dos outros dois (Grupo dos dialetos setentrionais e o Grupo dos dialetos centro-meridionais), como apresentam Segura (2013a, 2013b), Pereira (2014) e Brissos, Gillier e Saramago (2016) que estas variedades insulares apresentam características singulares no conjunto de variedades do PE. Muitas das suas particularidades sintáticas são também observadas em variedades do PB e não no PE, como afirma Marins (2013, p. 5) “a substituição de haver por ter nesse tipo de estrutura tem relação com a perda da capacidade de o sistema do PB licenciar/identificar uma categoria vazia na posição estrutural de sujeito, o que não se verifica no português europeu (PE)”. Partindo desse conhecimento, faz-se necessário aprofundar o conhecimento sobre as variedades insulares do PE, como a variedade existente na Ilha da Madeira, e a sua comparação com outras variedades do português, pois, conforme Segura (2013b), “Os dialetos falados nos arquipélagos dos Açores e da Madeira apresentam um conjunto de traços próprios [...] que não se encontram nos dialetos continentais, ou que estes estão esporádica ou parcamente representados [...]”. (SEGURA, 2013b, p. 105).

Um desses fenômenos variáveis na língua portuguesa é o uso intercambiável dos verbos *ter*, *haver* e *existir* para expressarem sentido de existência. Como podemos notar, os três verbos destacados apresentam, em um mesmo contexto, o sentido de existência, ou seja, podemos usar qualquer um deles para referirmo-nos à existência de algo ou alguém, embora saibamos que o verbo *ter existencial* não seja reconhecido pela gramática normativa, qual não aconselha seu uso, como encontramos, por exemplo, em Barbosa (1882), Cunha e Cintra (2010) e Bechara (2009), mas há estudos sociolinguísticos que apontam uma possível mudança em progresso no sentido de *ter* sobrepujar o uso de *haver* e *existir*. Para conhecermos melhor esse

fenômeno, vejamos as ocorrências de contextos existenciais em (1), (2) e (3), retiradas do *corpus* PORCUFORT Fase I (VIANA, 2018, p. 21).

- (1) “e lá a gente via que era bom porque... *tinha* sempre um GUIa... e aí ele contava aquela estória e aí que passava a ser interessante aquilo né?” (PORCUFORT, DID, 06)
- (2) “que já tão aplicado esses exemplo ao nosso sistema solar *havia* umas sete mil teoria diferente... agora a teoria mais aceita...” (PORCUFORT, EF, 53)
- (3) “FAZIA uma voz que:::... no mundo num *existia*... ele apesar de Homem” (PORCUFORT, D2, 48, Inf. 1)<sup>1</sup>

Além de dados de fala e de análises sociolinguísticas, sabemos de uma variedade de trabalhos que analisam, em outras perspectivas, a variação entre os verbos existenciais, especialmente, *haver* e *ter*, como Marins (2013) que aponta uma explicação linguística baseada na teoria do parâmetro de sujeito nulo no PB e no PE escritos. Dessa forma, há fortes indícios de que, também na fala, o PE insular se aproxime mais do PB que do PE continental. Esse é um dos motivos que justificam a necessidade de realizar esta pesquisa.

Como dissemos, esse fenômeno linguístico já foi analisado em diversos estudos baseados na Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2001, 2006, 2008, 2010), a partir de dados retirados da linguagem em certo momento do tempo, a partir de dados sincrônicos e diacrônicos, ou seja, a partir de estudos em tempo aparente e em tempo real. Dentre esses trabalhos, destacamos, em tempo aparente, os estudos de Dutra (2000), Silva (2001), Ribeiro, Soares e Lacerda (2013), Vitória (2012, 2013), Oliveira (2014), Souza (2015), Oliveira (2017) e Viana (2018) no PB, e **Andrade (2014); Bazenga (2019) e Pestana (2019) no PE**. De forma diacrônica, ou **em tempo real, destacamos os estudos de Batista (2012), Callou e Avelar (2000) e Martins e Callou (2003)** quando analisam a variação dos verbos existenciais em dados do Projeto NURC, nos estados de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador com amostras das décadas de 1970 e 1990.

Pudemos verificar, então, que até o momento, apenas esses três últimos estudos citados realizaram análises em tempo real sobre a variação dos verbos existenciais. Concluímos, então, a existência das seguintes lacunas: (i) nenhum estudo, até então, analisou atitudes linguísticas sobre o nosso tema, nem no PE, tampouco no PB, (ii) não há uma análise comparativa entre PE insular, PE continental e o PB fortalezense, e (iii) não há, ainda, nenhuma análise em tempo real na fala fortalezense.

---

<sup>1</sup> A identificação usada por Viana (2018) refere-se ao banco de dados usado, tipo de registro, número do inquérito e, nos inquéritos D2, o número do informante.

Propomos, portanto, nesta pesquisa, preencher essas lacunas descrevendo, analisando dados empíricos de fala, assim como, verificando quais as atitudes linguísticas que brasileiros e portugueses tidos cultos têm sobre a realização variável dos verbos existenciais.

Para isso, consideraremos dados de fala de dois *corpora* de fala culta de Fortaleza-CE, o PORCUFORT Fase I e sua Fase II (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018a), dados de fala culta das cidades portuguesas de Funchal, na Ilha da Madeira, Cacém e Oeiras a partir dos *corpora* Projeto *Concordância* (VIEIRA; MOTA, 2020) e *Corpus* Sociolinguístico do Funchal (BAZENGA, 2020).

É importante salientarmos que o termo *português culto* que adotamos nesta pesquisa reflete o conjunto de formas “[...] efetivamente apreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, dos falantes com curso superior completo” (LUCCHESI, 2004, p. 65). Essa conceituação clássica é adotada, como princípio metodológico, desde a elaboração do Projeto NURC (CALLOU, 1999), cuja configuração, além disso, serviu de modelo para a elaboração dos *corpora* do PORCUFORT (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018a) e configura uma célula social nos *corpora* Projeto *Concordância* (VIEIRA; MOTA, 2020) e *Corpus* Sociolinguístico do Funchal (BAZENGA, 2020).

A partir da nossa proposta de descrição e análise do fenômeno, adotaremos o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), que procura: sistematizar os dados linguísticos; descrever a estrutura e a mudança da língua dentro de um contexto social; e estabelecer relações entre os fatores linguísticos e extralinguísticos. A Sociolinguística laboviana, a partir da Teoria da Variação e Mudança Linguística, propõe-se, ainda, a estudar as atitudes linguísticas, dentre uma de suas cinco questões fundadoras (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), no que concerne o problema da avaliação da mudança linguística, isto é, o julgamento subjetivo dos falantes quanto à sua própria variedade linguística e à dos demais membros de sua comunidade linguística.

Portanto, além da análise estatística, que nos dará análises em tempo aparente e tempo real, para que possamos traçar paralelos entre as variedades linguísticas do Brasil e de Portugal, propomos, ainda, a aplicação de testes de atitudes linguísticas nas mesmas cidades onde retiraremos os *corpora* de fala para verificarmos quais atitudes os falantes cultos têm sobre o fenômeno em estudo nas duas variedades do português.

Diante das constatações acerca do fenômeno em pauta, compreendemos que esta proposta de estudo se dirige aos seguintes problemas/questões:

- a) Qual verbo existencial é mais produtivo nas amostras analisadas dos *corpora* PORCUFORT, *Concordância* e CSF? b) Quais fatores linguísticos beneficiam os verbos

*ter, haver e existir* nas amostras analisadas? c) Quais fatores dentre as variáveis sociais favorecem *ter, haver e existir* nas amostras analisadas? d) A substituição de *ter* no sentido existencial sobre *haver e existir*, na fala culta fortalezense e portuguesa, representa um processo de variação estável ou de mudança em progresso? e) Qual a atitude linguística dos fortalezenses de nível superior – sendo: fortalezenses residentes em sua cidade natal, fortalezenses que já moram há muito tempo fora de Fortaleza e indivíduos migrantes de outras regiões (especialmente do Sul e Sudeste do Brasil) que vivem nesta cidade – em relação a cada variante utilizada para as construções existenciais? f) Qual a atitude linguística dos portugueses de nível superior – sendo: portugueses residentes em sua cidade natal (Cacém, Oeiras e Funchal), portugueses que já moram há muito tempo fora de Portugal e indivíduos migrantes de outras regiões que vivem no país – em relação a cada variante utilizada para as construções existenciais?

Partindo dessas palavras, nos candidatamos ao Edital 08/2019 na modalidade Doutorado Sanduíche no Exterior (SWE) para a instituição Universidade da Madeira, Funchal. A seguir, apresentamos nossos objetivos, hipóteses, referencial teórico-metodológico, cronograma, justificativa da escolha pela instituição estrangeira, justificativa pela necessidade de estudo no exterior, produções científicas esperadas com a pesquisa e nossas referências.

### 3 OBJETIVOS

#### 2.1 GERAL:

Estudar a variação em tempo real do uso dos verbos existenciais *ter, haver e existir* no falar culto de Fortaleza-CE, das cidades portuguesas de Cacém, Oeiras e da cidade madeirense de Funchal, assim como as atitudes linguísticas do uso desses verbos nas respectivas cidades.

#### 2.2 ESPECÍFICOS:

- Verificar qual verbo existencial é mais produtivo nas amostras dos *corpora* PORCUFORT, *Concordância* e CSF;
- Analisar as variáveis linguísticas que beneficiam os verbos *ter, haver e existir* em contextos de existência em amostras dos *corpora* do PORCUFORT, *Concordância* e CSF;
- Analisar as variáveis sociais que favorecem os verbos *ter, haver e existir* em contextos de existência em amostras do PORCUFORT, *Concordância* e CSF;



- Conferir se o fenômeno representa um caso de variação estável ou de mudança em progresso, no sentido de *ter existencial* substituir *haver existencial* e *existir* em amostras do PORCUFORT, *Concordância* e CSF;
- Verificar qual a atitude linguística dos fortalezenses de nível superior, sendo: fortalezenses residentes em sua cidade natal, fortalezenses que já moram há muito tempo fora de Fortaleza e indivíduos migrantes de outras regiões (especialmente do Sul e Sudeste do Brasil) que vivem nesta cidade, em relação a cada variante utilizada para as construções existenciais;
- Verificar qual a atitude linguística dos portugueses de nível superior – sendo: portugueses residentes em sua cidade natal (Cacém, Oeiras e Funchal), portugueses que já moram há muito tempo fora de Portugal e indivíduos migrantes de outras regiões que vivem no país – em relação a cada variante utilizada para as construções existenciais.

#### 4 HIPÓTESES

Com base nas leituras de trabalhos anteriores sobre a variação de verbos existenciais, como no estudo de Viana (2018), traçamos nossas hipóteses para a variação de *ter*, *haver* e *existir* em contextos de existência a partir de amostras do PORCUFORT, *Concordância* e CSF:

- (i) Na análise da fala fortalezense, a ocorrência geral de *ter existencial* é superior à de *haver existencial* e do verbo *existir*;
- (ii) Na análise da fala portuguesa, a ocorrência geral de *haver existencial* é superior à de *ter existencial* e do verbo *existir*;
- (iii) Há grupos de fatores linguísticos que beneficiam o verbo *haver*;
- (iv) Há grupos de fatores linguísticos que beneficiam o verbo *ter*;
- (v) Há grupos de fatores linguísticos que beneficiam o verbo *existir*;
- (vi) Nos grupos de fatores sociais, *haver* é condicionado pelo *sexo*, *faixa etária* e *variedade linguística*;
- (vii) Nos grupos de fatores sociais, o uso de *ter* é condicionado pelo *sexo*, *faixa etária* e *variedade linguística*;
- (viii) Na análise da fala fortalezense, a variável *tipo de registro*, a *elocução formal* é aliada de *haver* e *existir*;
- (ix) Na análise da fala fortalezense, o grupo de fatores *década de registro*, no final da década de 2010 (PORCUFORT Fase II), o uso de *haver* e *existir* é inferior ao uso da década de 1990 (PORCUFORT Fase I), enquanto que o uso de *ter* pode ser superior ao de 1990 para o final da década de 2010;
- (x) Há uma mudança linguística em curso, no sentido de *ter existencial* substituir *existir* e *haver existencial* no PB;
- (xi) Há uma variação estável entre os verbos existenciais no PE;
- (xii) Na avaliação das atitudes linguísticas, os falantes fortalezenses devem apresentar a variação dos verbos existenciais como uma variação que compete à variação diamésica,

uma variação de uso ligado a um estilo linguístico, ou ao momento de interação do indivíduo; e (xiii) Na avaliação das atitudes linguísticas, os falantes portugueses devem apresentar estigma no uso do verbo *ter existencial*.

## 5 QUADRO TEÓRICO

Esta seção traz uma breve explanação acerca do quadro teórico escolhido, com alguns pontos em destaque.

### 5.1 ADVENTO E CONSOLIDAÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, LABOV, 1994, 2001, 2006, 2008, 2010), também conhecida como Sociolinguística Variacionista, busca analisar, empiricamente, a influência de fatores linguísticos e sociais que influenciam no condicionamento dos diversos fenômenos de *variação linguística*. Esta proposta trouxe um novo modo de analisar a linguagem verbal, rompendo com alguns procedimentos de análise da variação, apontando a “relevância dos mecanismos internos, para equacioná-la [variação] a uma teoria da linguagem, e a mecanismos externos, para equacioná-la a uma teoria da sociedade” (CAMACHO, 2013, p. 19).

É, portanto, a partir da Teoria da Variação e Mudança Linguística que diversos estudos afirmam que nenhum fenômeno variável acontece aleatoriamente e sem regularidade. Muito pelo contrário, têm indicado que a língua é, sobretudo, um sistema heterogêneo e organizado, conforme defendeu Labov (2008), nos primórdios da teoria que ajudou a constituir, quando este diz que “a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional.” (LABOV 2008, p. 238).

Para Naro (2004), “o problema central que se coloca para a Teoria da Variação e Mudança Linguística é a avaliação do quantum com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição” (NARO, 2004, p. 16). Assim sendo, a utilização de programas computacionais estatísticos tem sido de grande valia para os sociolinguistas variacionistas.

Na Teoria da Variação e Mudança Linguística, além do tratamento estatístico, os diversos fenômenos de variação e mudança linguística podem ser observados, ainda, com base em dois parâmetros, os chamados estudos em *tempo aparente* e *tempo real*.

No primeiro, não são estabelecidas comparações entre diferentes gerações ou sincronias, e a variável faixa etária é testada essencialmente para observar mais um ponto da estratificação social das variantes e para intentar algumas incursões no âmbito da investigação diacrônica. Para a observação da variação e mudança em tempo aparente, Labov postula que a faixa etária dará indícios de mudança, onde o postulado básico é o de que os sujeitos com faixa etária maior representam o comportamento linguístico de gerações anteriores, e que seu padrão de uso linguístico tende a desaparecer com eles. Os mais jovens, por outro lado, levarão adiante seu padrão, representando o que a língua tende a ser no futuro.

Já o estudo em tempo real possibilita a análise de um dado fenômeno após um considerável distanciamento de tempo. Acredita-se que “geralmente, o espaço de uma geração é suficiente para fornecer indícios acerca da estabilidade ou mudança no comportamento linguístico do indivíduo e da comunidade” (PAIVA; DUARTE, 2004, p. 189). Com base nessas premissas, o investigador pode obter e comparar dados de amostras distintas de uma mesma comunidade ou amostras obtidas com os mesmos informantes. Independentemente de serem as amostras em comparação pertencentes à mesma comunidade ou aos mesmos indivíduos, Paiva e Duarte (2004) acreditam que temos aqui “uma técnica mais controlada de acompanhar a direcionalidade dos fenômenos variáveis” (PAIVA; DUARTE, 2004, p. 186).

As análises em tempo real podem ser realizadas de duas formas distintas: em *estudos de painel* ou *estudos de tendência*. Além disso, elas permitem a comparação entre estudos atuais e pesquisas realizadas anteriormente (LEITE; CALLOU; MORAES, 2003; PAIVA; DUARTE, 2004). Dessa forma, o pesquisador vale-se da literatura pertinente construída por outros investigadores acerca do fenômeno de seu interesse. O estudo em painel consiste em compararmos amostras distintas coletadas com base no comportamento linguístico dos mesmos informantes. Por outro lado, o estudo de tendência exige lidarmos com amostras distintas e representativas da mesma comunidade de fala. Apesar de ser considerado confiável para a observação da variação e mudança linguística, o estudo em painel encontra obstáculos tanto de natureza metodológica como teórica, pois é muito difícil para o pesquisador estabelecer contato com os mesmos informantes após um lapso temporal de tantos anos.

Dessa maneira, o estudo em tendência “permite verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, estabilização ou recuo de processos de mudança” (PAIVA; DUARTE, 2004, p. 188). Embora pareça óbvio, salientamos que, ao construirmos amostras aleatórias da mesma comunidade de fala e em momentos distintos, para um estudo de tendência, é necessário que os mesmos parâmetros de seleção e estratificação social dos informantes sejam adotados em ambas as amostras (PAIVA;

DUARTE, 2004), para que haja a possibilidade de equiparação nas análises. Dessa maneira, os estudos em tempo real – painel ou tendência –, proporcionam um olhar mais acurado para as direções tomadas por processos variáveis em uma dada comunidade de fala.

Weinreich, Labov e Herzog (2006), além de atentarem para as noções de um estudo em tempo aparente ou real, postulam cinco problemas, ou questões, para a observação da variação e mudança linguística, a saber: o problema da *restrição* ou *fatores condicionantes*; o problema da *transição*; da *avaliação*; do *encaixamento* e da *implementação*, problemas esses, que têm de ser lidados pelo sociolinguista.

No problema dos fatores condicionantes, procura-se observar o quadro de mudanças possíveis e as condições para que a mudança linguística seja efetivada. Condições essas que compreendem tanto variáveis sociais, como linguísticas.

No problema da transição, observa-se o modo como uma determinada mudança progride ao longo do tempo, ou melhor, a partir de diferentes gerações. No problema do encaixamento, analisa-se como o fenômeno investigado se relaciona com outros, quais fatores linguísticos e sociais condicionam a mudança, favorecendo ou inibindo o uso de determinada variante, bem como os efeitos e as possíveis direções da mudança linguística.

No problema da avaliação, defende-se que os falantes realizam avaliações sobre os fenômenos de variação e mudança linguística. Essa avaliação pode partir de dois pontos básicos. No primeiro, avalia-se o *potencial* linguístico de determinadas formas, isto é, quais formas atendem de modo mais adequado às exigências comunicativas de diferentes situações. Já, no segundo, o foco recai sobre os *juízos de valor* que os falantes atribuem às formas em competição. Assim, “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 124).

Dentre esses cinco problemas, investigaremos mais detidamente o problema da avaliação, a partir do estudo de atitudes linguísticas, que tiveram início com o psicólogo social Wallace Lambert e alguns colegas (LAMBERT *et al.*, 1960), no início dos anos 1960, em uma pesquisa sobre bilinguismo realizada no Canadá.

Dessa forma, na técnica da *matched-guise* (técnica de aparência comparada), desenvolvida por Lambert *et al.* (1960), os falantes que participam do teste de atitudes linguísticas são expostos a gravações de falas de outros indivíduos para, a partir de então, aferirem adjetivos a essas pessoas como inteligência, classe social, beleza, etc.

Além da técnica do *matched-guise*, utilizaremos ainda a técnica das *semantic differential scales* (escalas semânticas diferenciais) (FASOLD, 1990), que, segundo Cyranka e



### 5.3 O FENÔMENO EM ESTUDO NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Nesta subseção, procuramos cotejar o estado da arte no que concerne aos estudos variacionistas sobre verbos existenciais na língua portuguesa como forma de apresentar um referencial teórico do fenômeno em estudo. Vejamos.

#### 4.3.1 Os existenciais em tempo real no Português Brasileiro

**Batista (2012)** apresenta uma análise em tempo real, a partir de uma análise de tendência com *ter* e *haver* existenciais, no falar culto de três capitais das cinco que compõem o projeto NURC: Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre. A autora analisou 1.283 dados de construções existenciais das décadas de 70 e 90 e os apresenta em frequências. As variáveis controladas foram: sexo, faixa etária, década de gravação, cidade, tempo verbal e natureza semântica do argumento interno.

Neste estudo, a seleção das variáveis relevantes pelo pacote de programas Varbrul, por década, para o verbo *ter*, são: a faixa etária – faixa 1 é a que mais aplica *ter* nas duas décadas (82% dec. 1970 e 99% dec. 1990); o tempo verbal – o tempo presente e o pretérito perfeito em Salvador-BA (85% e 88%); e a natureza semântica do argumento interno – [+ humano] e [+ material]. Ou seja, esses fatores promovem o uso de *ter* em ambas as décadas e nas três cidades. Para a autora, o uso de *haver* em construções existenciais pode ser interpretado como uma habilidade adquirida durante o aprendizado da escrita e a autora ainda assinala uma mudança em curso nas três cidades.

**Callou e Avelar (2000)** também analisam dados do Projeto NURC, mas, apenas na cidade do Rio de Janeiro-RJ, em um estudo de tendência, onde encontraram um total de 1.528 dados de *haver* e *ter* e, para a análise probabilística, rodaram seus dados no pacote de programas Varbrul. Os grupos de fatores controlados na análise foram: sexo, faixa etária, década de gravação, tempo verbal e especificidade semântica do argumento interno. As variáveis selecionadas como relevantes foram: tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e sexo.

Com relação ao grupo de fatores tempo verbal, a análise mostrou que o presente (0.60) privilegia *ter* para a década de 70 e 90, enquanto o passado favorece *haver*: (0.91) pretérito perfeito e (0.66) pretérito imperfeito para a década de 70, e pretérito perfeito (0.62) e pretérito imperfeito (0.55) para a década de 90. Para o grupo especificidade semântica do argumento interno, os autores apresentam que o traço [- material] beneficia o uso de *haver* e o

traço [+ material] promove o uso de *ter*. Quanto à faixa etária, quanto mais velho o falante, maior aliado de *haver* e, por fim, sobre o grupo de fatores sexo, os autores afirmam que “foi possível ainda constatar que, na década de 70, as mulheres utilizam mais o *ter* do que os homens” (CALLOU; AVELAR, 2000, p. 94, grifos nossos).

**Martins e Callou (2003)** analisaram dados do NURC do Rio de Janeiro-RJ e de Salvador-BA. As autoras encontraram 2.036 ocorrências de *ter* e *haver* e apresentaram apenas as frequências. Seus grupos de fatores controlados foram: sexo, faixa etária, década de gravação, tempo verbal e especificidade semântica do argumento interno. Para a análise estatística, as autoras utilizaram o pacote de programas Varbrul. Sobre as variáveis analisadas, as autoras apresentam as selecionadas por relevância: tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e sexo.

No que tange à variável sexo, as autoras afirmam que, em Salvador-BA, nas faixas etárias 1 e 2, a “mudança” de *ter* por *haver* “já foi efetivada”, e que, na faixa 3, a frequência de *ter* existencial é de 97% (MARTINS; CALLOU, 2003, p. 821); já, no Rio de Janeiro-RJ, as frequências para as duas décadas, na primeira faixa etária, são superiores à segunda e terceira. Quanto à variável sexo, a autora diz que “comprova-se, mais uma vez, que são as mulheres que tendem a liderar os processos não-estigmatizados de mudança lingüística e que quanto mais jovem o falante, maior a frequência de uso de *ter*” (MARTINS; CALLOU, 2003, p. 822).

No tocante ao tempo verbal, o tempo presente favorece *ter*, enquanto o passado beneficia *haver*. Para o Rio de Janeiro-RJ, a frequência de *ter* no pretérito perfeito chega a apenas 10% na década de 1970 e 35% em 1990, enquanto que, no presente, *ter* alcança 70% e 90%, respectivamente; já, no pretérito imperfeito, a frequência não se altera de uma década para outra, mantendo-se em torno de 65%.

Em Salvador-BA, na década de 1970, o pretérito perfeito do indicativo favorece a ocorrência de *haver*, mesmo que o número de ocorrências de *ter* e *haver* apresente um certo equilíbrio: 57% de *ter* e 43% de *haver*. O imperfeito do indicativo e do subjuntivo, na década de 70, beneficia a ocorrência de *ter* com 88% de casos e *haver* com 12%. Na década de 90, o imperfeito favorece a ocorrência de *haver* com 36%. Quanto à especificidade semântica do argumento interno, o traço [-material] privilegia o uso de *haver*, já, o traço [+material] promove o uso de *ter*.

As autoras chegaram às seguintes conclusões sobre a análise: as duas cidades apresentam inserção de *ter* no campo de *haver*, sugerindo uma mudança em progresso: no Rio de Janeiro-RJ, a frequência do verbo *ter* sobe de 63%, na década de 1970, para 76% na década

de 1990; já, em Salvador-BA, *ter* salta, na década de 1970, de 74% para 86% na década de 1990.

#### 4.3.2 Os existenciais no Português Europeu

**Andrade (2014); Bazenga (2019) e Pestana (2019), Pestana (2019) no PE**

#### 4.3.3 Os existenciais em outras variedades do Português

Traremos, por fim, de três trabalhos sobre a variação dos verbos existenciais em *corpora* do PB em paralelo com três outros *corpora* do português europeu (doravante PE): o Português Fundamental<sup>3</sup>, o Análise Contrastiva de Variedades do Português – VARPORT<sup>4</sup>, e do Projeto Concordância<sup>5</sup>. Na apresentação dos resultados dos estudos citados a seguir, priorizaremos apenas os dados do PE para que possamos visualizar, a partir dos resultados encontrados, o desenvolvimento dessa variação.

**Santos (2004)** analisou *ter* e *haver* em três *corpora* distintos, a saber: o Projeto Português Afro-Baiano - PAB, o NURC-BA e o Português Fundamental. Sua pesquisa chegou às seguintes frequências: no Português Fundamental o verbo *haver* apresenta 89% de frequência, enquanto o verbo *ter* exibe apenas 11%. Para esses dados, o autor acrescenta que “Assim, fica garantido que o uso de *ter* existencial é uma realidade europeia, apenas difere da americana pelo baixo índice de frequência.” (SILVA, 2004, p. 2113), e continua sua afirmação concluindo que, “Portanto, não foi o Brasil que inventou uma nova forma de expressar existência. O que se nota é que aqui a preferência recaiu sobre a variante sem prestígio da língua” (SILVA, 2004, p. 2113-2114).

Através da análise do programa VARBRUL, os fatores selecionados como relevantes, em dados do PE, foram a animacidade do complemento, a escolaridade, residência foram de Portugal e a faixa etária. Como valor de aplicação para a variante *ter*, o fator inanimado, da variável animacidade do complemento foi favorecedor com 12% de ocorrências e PR de .56. Na escolaridade, os analfabetos são neutros (.50) enquanto que o primário é pouco

<sup>3</sup> O *corpus* assim como maiores informações sobre o Projeto Português Fundamental estão disponíveis em: <<http://www.clul.ulisboa.pt/pt/24-recursos/324-corpus-pf/>>. Acesso em: 04 maio 2018.

<sup>4</sup> O *corpus* assim como maiores informações sobre o Projeto VARPORT estão disponíveis em: <<http://www.varport.letas.ufjf.br/>>. Acesso em: 04 maio 2018.

<sup>5</sup> Maiores detalhe do *corpus* do Projeto Concordância nos sites: <[https://www.linguateca.pt/corpora\\_info.html](https://www.linguateca.pt/corpora_info.html)>; <<http://www.concordancia.letas.ufjf.br/>>. Acesso em: 15 maio 2018.



favorecedor (.54), já os terceiro ciclo e primeiro ciclo (do Ensino Fundamental) são favorecedores de *ter* com PR de .66 e .76 nesta ordem. Ainda para a variável escolaridade, o segundo ciclo (.29), frequência universitária (.38) e curso superior (.27) são desfavorecedores de *ter* e conseqüentemente, beneficiadores de *haver*, tendência essa encontrada também no PB. Para a variável residência fora de Portugal, apenas o fator no estrangeiro, foi beneficiador de *ter* (.87), sendo que os fatores no Brasil (.38), e sem residência fora (.46), foram favorecem o uso de *haver*.

Por fim, na faixa etária as pessoas da faixa 2 (26 a 34 anos) “aponta uma rejeição muito grande pelo verbo *ter* e isso começa a despontar na primeira faixa de idade. Já os falantes das faixas mais maduras não têm o mesmo comportamento, a partir dos 35 anos volta a ter a probabilidade alta em utilizar existenciais com *ter*.” (SILVA, 2004, p. 2117, grifos do autor). O autor ainda afirma que há uma explicação para esse fato, quando diz que “A explicação para esse fato talvez esteja ligada ao mercado de trabalho, mas sem uma investigação da realidade social dos anos setenta em Portugal, fica difícil atribuir-lhe um motivo plausível.” (SILVA, 2004, p. 2117-2118). O autor afirma ainda, que a variação aparece estável e que a escolha pela variante não-padrão é insignificante.

**Callou (2012)** traz um estudo em tempo real de curta duração contrastando amostras do PB e do PE em duas décadas: 1970 e 1990 em ambos os *corpora* escolhidos. Além disso, a autora analisa, no mesmo trabalho, os seguintes fenômenos: de *ter* e *haver* existenciais; a expressão de tempo futuro simples e perifrástica; o uso de nós e a gente na posição de sujeito; e o modo subjuntivo ou indicativo em estruturas subordinadas. Para nossa análise, traremos apenas a temática relacionada a *ter* e *haver* no *corpus* do PE.

Callou (2012) afirma inicialmente, em suas conclusões, que o PB e o PE se diferenciam, o “PB mostra uma implementação das formas inovadoras, *ter-existencial* e *a gente*, e há uma diferença significativa entre fala e escrita; PE dá preferência, ainda, ao uso de *haver* e de *nós*, independentemente de se tratar de linguagem falada ou escrita” (2012, p. 168, destaques da autora), e nos apresenta os resultados obtidos no PE: *ter existencial* apresenta dados em torno de 15% enquanto que com *haver*, os percentuais fiquem em torno de 85%<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> A autora apresenta o seguinte gráfico, sem os valores:

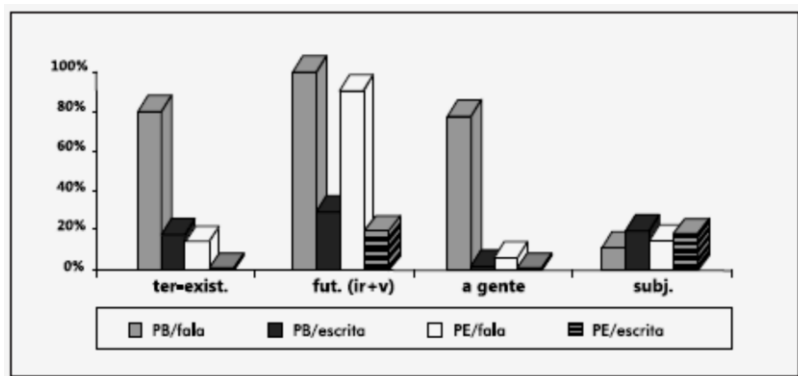
**Quadro geral das alternâncias de uso em PB e PE, na fala e na escrita jornalística**

Infelizmente, a autora não nos apresenta maiores detalhes dos resultados para o PE, mas afirma ainda que, conforme Avelar (2006a), na gramática naturalmente internalizada,

não existe variação real entre *ter* e *haver* no PB, mas entre um “padrão default” de sentenças existenciais, para o qual se recorre ao funcional *ter*, e outros padrões diferenciados que se valem de verbos não funcionais com valores semântico-pragmáticos diversos, entre os quais se inclui o verbo *haver*. O uso de *haver* como existencial canônico da língua escrita não consiste, dessa perspectiva, num reflexo de procedimentos internos à gramática nuclear, mas do provimento da gramática periférica por elementos de prestígio no processo de escolarização. Atentando para o fato de o aprendizado da língua escrita no Brasil ter como alvo estágios anteriores da língua ou a norma do português europeu [...] fica fácil entrever a razão da supremacia de *haver* e da tendência à supressão de *ter* na língua escrita. (CALLOU, 2012, p. 169, destaques da autora)

Dessa forma, como Costa (2010, p. 62) apresenta, o verbo *haver* no PE apresenta o “papel de verbo auxiliar ou existencial”, assim, mesmo havendo variação entre *ter* e *haver* no PE, corroborando Santos (2004) e Callou (2012), trata-se de uma variação estável. Ainda nesse sentido, Callou e Avelar (2012) salientam que o uso de *ter* pode ser visto de forma distinta nas duas variedades do português: no PE como possessivo e no PB como existencial.

**Callou, Batista e Almeida (2015)** analisaram os verbos *ter* e *haver* em construções existenciais quanto a concordância verbal e sua história na língua. Nesse trabalho, as autoras analisaram *corpora* orais e escritos, para o PB o NURC-RJ, para o PE e o português africano (doravante PA) o Projeto Concordância. Sem desenvolver análises estatísticas, as autoras apresentam os percentuais de ocorrências dos verbos no *corpus* e de concordância verbal nas orações. Dessa forma, nas amostras do PE, as autoras encontraram no total 312 ocorrências, sendo dessas, 20 (6%) de *ter existencial* e 292 (94%) de *haver existencial*, sendo que em nenhuma ocorrência os verbos apresentaram a concordância verbal nas orações com estrutura existencial.



Fonte: Callou (2012, p. 169)

Concluindo, os dados referentes a *corpora* com dados de PE, a partir das frequências encontradas nos estudos de Santos (2004), Callou (2012) e Callou, Batista e Almeida (2015), apresentam uma variação estável entre *ter* e *haver* existenciais, com frequências de *haver* superiores a 85% e frequências de até 15% para *ter* no PE, inversamente ao que encontramos no PB.

#### 5.4 EM BUSCA DE MAIS RESPOSTAS: TESTES DE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Esta seção.

### 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DA ÉTICA À ANÁLISE ESTATÍSTICA: OS *CORPORA*, AS AMOSTRAS, AS VARIÁVEIS, A COLETA DE DADOS E A ANÁLISE ESTATÍSTICA

Esta seção se propõe a apresentar nossa proposta de análise de um conjunto de dados de fala de língua portuguesa. Para tanto, trazemos ao leitor os seguintes pontos a serem discutidos e apresentados: o que versa a Ética em pesquisas com seres humanos; uma breve descrição dos *corpora* a serem analisados e suas respectivas amostras; a proposta de envelope de variação para o estudo de *ter*, *haver* e *existir*; o detalhamento da coleta de dados; e, por último, a análise estatística a que pretendemos submeter os dados coletados, com a apresentação dos programas e testes utilizados.

#### 6.1 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

No Brasil, a primeira tentativa de regulamentar a pesquisa em seres humanos foi em 1988, a partir da legislação do Conselho Nacional de Saúde com a Lei nº 6.360/76 e o Decreto nº 70.094/77, pois a legislação vigente até aquele momento regulamentava apenas alguns aspectos em relação à importação de drogas destinadas às pesquisas não registradas no país (MORO; MATTOS; SARTORI, 2011).

As discussões sobre o uso de seres humanos em pesquisas levaram à criação de dois documentos que podemos chamar de principais: as Diretrizes Internacionais para Revisão Ética de Estudos Epidemiológicos, em 1991 e, em seguida, as Diretrizes Éticas Internacionais sobre Pesquisas Biomédicas Envolvendo Seres Humanos, em 1993, produzidas pela Organização

Mundial de Saúde. Mas foi somente em 1996 que o Conselho Nacional de Saúde<sup>7</sup> fixou a Resolução nº 196/1996 que normatiza as pesquisas em seres humanos no Brasil. Seguidas dessa resolução, as pesquisas em seres humanos foram ainda normatizadas pela Resolução nº 466/2012 e pela mais recente, a Resolução nº 510/2016.

Partindo dessa contextualização, nossa pesquisa está amparada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da UECE – Universidade Estadual do Ceará, conforme CAAE nº 72141517.7.0000.5534 e parecer nº 2.259.843/2017 (ver anexo A), o que nos garante legalidade na pesquisa e pertinência quanto às questões éticas em pesquisas linguísticas.

## 6.2 DOS *CORPORA* E SUAS AMOSTRAS

Como já citamos anteriormente, nossa pesquisa conta com dois bancos de dados de fala fortalezense, um já constituído: o PORCUFORT em sua Fase I, coletada na década de 1990 e, sua Fase II, em conclusão. Essa database seguiu técnicas específicas para planejamento, metodologia, coleta e transcrição de dados exigidos na constituição de um banco de dados (PAIVA, 2004; SCHERRE; NARO, 2004; ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018a), para apresentar à comunidade acadêmica um produto com a melhor qualidade possível, dentro das dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do projeto. O resultado que podemos obter de um projeto linguístico de constituição de um banco de dados de fala, como o PORCUFORT, é a possibilidade de vários retratos da língua e sua variação tanto sincrônica, como diacrônica.

Para o teste de atitudes, recorreremos, também, a algumas gravações do Projeto NORPOFOR, banco de dados de fala popular, organizado também pela Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, na década de 2000. (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018b).

Quanto à fala portuguesa, buscamos dois corpora: Projeto Concordância (VIEIRA; BAZENGA, 2015; VIEIRA; MOTA, 2020), banco de dados elaborado pelo Projeto de Cooperação Internacional intitulado Estudo Comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do português, e do Corpus Sociolinguístico do Funchal (BAZENGA, 2020), oriundos do ARPOFAMA-CIERL – Arquivo do Português Falado no Arquipélago da Madeira do CIERL, Projeto promovido no âmbito da área dos Estudos Linguísticos do CIERL-UMA, que tem como objetivo reunir e disponibilizar online corpora dialetais da Ilha da Madeira e Porto Santo (sintaxe, léxico e

---

<sup>7</sup> Criado e regulamentado através da Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, que institui instância colegiada do Sistema Único de Saúde – SUS.

fonética). Assume, também, os propósitos de promover o estudo desses corpora e de divulgar/publicar o trabalho de investigação que neste âmbito se realize.

Ambos os corpora possuem inquéritos do tipo entrevistas sociolinguísticas, que denominamos, no PB, de DID - Diálogo entre Informante e Documentador<sup>8</sup>, estratificados em faixa etária: I de 22 a 35 anos, II de 36 a 55 anos, e III de 56 a 75 anos, sexo: masculino e feminino, e escolarização: 1 Ensino Básico (analfabeto e até ao 9º ano), 2 Ensino Secundário (até ao 12º ano) e 3 Ensino Superior.

Após apresentarmos os três *corpora* que tencionamos analisar a fala, pretendemos organizar uma amostra significativa para resultados válidos, alojando até três informantes por célula. Vejamos, no Quadro 1, nossa proposta de estratificação dos informantes de acordo com o controle de variáveis sociais (sexo, faixa etária e tipo de registo) das amostras do PORCUFORT Fase I e Fase II.

**Quadro 1 – Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na amostra do PORCUFORT Fase I, década de 1990 e Fase II, final da década de 2010**

Tipo de Registro → Faixa etária ↓	Fase I (1990)						Fase II (2010)					
	Sexo						Sexo					
	Masculino			Feminino			Masculino			Feminino		
	D2	DID	EF	D2	DID	EF	D2	DID	EF	D2	DID	EF
I (22 a 35 anos)	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
II (36 a 50 anos)	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3
III (51 anos acima)	3	3	3	3	3	1	3	3	3	3	3	3
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>
<b>Total geral</b>	<b>50</b>						<b>54</b>					
	<b>104</b>											

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 2 - Distribuição dos informantes das amostras do NURC Recife**

Tipo de Registro → Faixa etária ↓	Sexo					
	Masculino			Feminino		
	Tipo de Registro					
	D2	DID	EF	D2	DID	EF
I (22 a 35 anos)	3	3	3	3	3	3
II (36 a 50 anos)	3	3	3	3	3	3

<sup>8</sup> Os *corpora* do PB contêm três tipos de inquéritos, a saber: Diálogo entre Informante e Documentador – DID, Diálogos entre Dois Informantes – D2 e Elocuções Formais – EF. Para as análises do PB em tempo real, serão analisados os três tipos de registro dos dois *corpora* brasileiros. Para a análise entre as variantes do português, será utilizado apenas as entrevistas do tipo de registro DID dos *corpora* do PORCUFORT.

<b>III (51 anos acima)</b>	3	3	3	2	3	3
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>9</b>
<b>Total geral</b>	<b>53</b>					

Fonte: Elaboração própria.

Nossa amostra será composta, portanto, de 103 inquéritos entre os três tipos de registros, dois sexos, três faixas etárias e duas épocas de gravação, totalizando 36 perfis sociolinguísticos.

Para a fala portuguesa, recorreremos aos bancos de fala Projeto *Concordância* e CSF. Vejamos, no Quadro 2, nossa proposta de estratificação para apenas os informantes com nível superior completo, para análise de fala tida como culta, de acordo com o controle de variáveis sociais (sexo, faixa etária e variedade) das amostras das localidades de Oeiras e Cacém, sendo analisadas enquanto PE continental e da cidade de Funchal, enquanto PE insular.

### Quadro 3 - Distribuição dos informantes nas amostras do PE continental e insular

Faixa etária ↓	PE Continental		PE Insular	
	Sexo			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<b>I (22 a 35 anos)</b>	2	3	3	3
<b>II (36 a 55 anos)</b>	2	3	3	3
<b>III (56 anos acima)</b>	2	2	3	3
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>9</b>
	<b>14</b>		<b>18</b>	
<b>Total Geral</b>	<b>32</b>			

Fonte: Elaboração própria.

Nossa amostra portuguesa será composta, portanto, de 31 entrevistas de indivíduos de escolarização 3, dos dois bancos de dados supracitados, estratificados em dois sexos, três faixas etárias e três variedades, totalizando 12 perfis sociolinguísticos. Durante o período do doutorado Sanduíche, procuraremos, na medida do possível, juntamente com a orientadora, buscar mais informantes para a ampliação da composição dos bancos de dados em Oeiras, Cacém e Funchal.

### 6.3 DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS

Nossa variável dependente é a variação dos verbos *haver*, *existir* e *ter* em contextos existenciais, levando em consideração seu contexto semântico-sintático pautados em Labov

(2008, p. 7), quando nos fala que “duas sentenças que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade”.

Para nossa coleta, verificaremos apenas os verbos que se encontrem estritamente em contextos de existência, ou seja, enquanto verbo pleno. De outro modo, nos contextos em que possamos substituí-los intercambiavelmente e sem prejuízo do conteúdo semântico do enunciado. Assim, excluiremos de nossa amostra, as sentenças com *haver* e *ter* que contenham o sentido de *ocorrer*, *acontecer* ou *tempo decorrido*, ou seja, aqueles contextos em que não possibilitariam a substituição pelo verbo *existir*, e, ainda, aquelas ocorrências em que o verbo se encontre em função auxiliar.

Posto isso, sabemos que as variáveis *independentes* são aquelas que atuam diretamente sobre as variáveis *dependentes*, favorecendo ou não sua ocorrência. Para tanto, pretendemos utilizar 12 variáveis independentes *linguísticas* e *extralinguísticas*, a saber, as linguísticas: *traço semântico do SN*, *preenchimento de elementos à esquerda do verbo*, *posição do SN*, *peso do SN*, *tempo e modo verbal*, *presença de modalizador*, *repetição do verbo no mesmo enunciado* e *concordância entre o verbo e o SN*, e as extralinguísticas: *sexo*, *faixa etária*, *tipo de registro* e *variedade*.

Os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos de nossa pesquisa foram escolhidos, levando em consideração alguns dos trabalhos já existentes sobre a variação dos verbos existenciais, como, por exemplo, [os de Dutra \(2000\)](#), [Silva \(2001\)](#), [Souza \(2015\)](#), [Vitório \(2012, 2013\)](#), [Viana \(2018\)](#), [Andrade \(2014\)](#), [Bazenga \(2019\)](#) e [Pestana \(2019\)](#).

#### 6.4 DOS PROCEDIMENTOS DE COLETA

Para a análise estatística<sup>9</sup> de variáveis relevantes para o fenômeno, utilizaremos o programa computacional Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005), programa estatístico muito usado entre os variacionistas, que figura como uma adaptação do pacote de programas VARBRUL para o ambiente *Windows*. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 105), “o Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. As análises realizadas por esse programa são tidas como multivariadas porque permitem “separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 34).

---

<sup>9</sup> Logo após a coleta dos dados oriundos dos inquiridos por nós selecionados, estes serão codificados a partir de todas as variáveis dependentes e independentes que serão testadas e receberão um código distinto.

Para a análise de atitudes linguísticas, realizaremos os testes *matched-quisse* (LAMBERT *et al.*, 2006) e *semantic differential scales* (FASOLD, 1990), como realizado por Cyranka e Roncarati (2009). Metodologia esta que poderá fazer emergir duas dimensões das escalas avaliativas: a de poder e a de solidariedade e, ainda, no teste, faremos o questionamento se o informante avalia de forma negativa, positiva ou neutra o fenômeno da variação entre *ter*, *haver* e *existir*.

Os dados obtidos no teste de atitudes serão codificados, digitados com a ajuda do programa *Excel* e submetidos ao programa *RStudio* (GRIES, 2019), para que possamos realizar a avaliação dos resultados, comparando os vários grupos de interesses, aplicando a *Análise de Variância* (ANOVA) como proposto por Cyranka e Roncarati (2009).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, apresentamos na seção seguinte, o cronograma de execução de todas as etapas propostas.

## 6.5 A ANÁLISE ESTATÍSTICA

Esta seção...

## 7 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

O Quadro 3 apresenta o cronograma para a execução de todas as atividades propostas para a pesquisa.

**Quadro 3 - Cronograma**

Atividades	2021				2022			
	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
Levantamento bibliográfico sobre a cultura linguística portuguesa e madeirense	X	X						
Busca por informantes, juntamente à orientadora, para aumentar o número de indivíduos por célula	X	X	X	X				
Coleta de dados oriundos dos bancos de dados	X	X	X	X				
Análise estatística de dados de fala				X				
Elaboração do teste de atitudes			X					
Busca por informantes, juntamente à orientadora, para aplicação do teste de atitudes			X	X	X			
Aplicação do teste de atitudes			X	X	X			
Coleta de dados oriundos do teste de atitudes				X	X			
Análise estatística de dados do teste de					X	X		



atitudes								
Redação dos capítulos de análise de fala portuguesa						X		

Fonte: Elaboração própria.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. G. G. **Crenças, percepção e atitudes linguísticas de falantes madeirenses**. 2014. 203 f. (Dissertação de Mestrado) – Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, 2014. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/723/1/MestradoCatarinaAndrade.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. O Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 8, n. 24, p. 174-198, jun. 2018a. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. O Banco de dados NORPOFOR. *In*: ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. (Orgs.). **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE**. Fortaleza: EdUECE, 2018b. p. 15-65.

BARBOSA, J. S. **Grammatica philosophica da lingua portuguesa**. Lisboa: Typographia Academia das Sciencias, 1882. Disponível em: [http://purl.pt/128/5/1-296-v\\_PDF/1-296-v\\_PDF\\_24-C-R0072/1-296-v\\_0000\\_capa-guardas2\\_t24-C-R0072.pdf](http://purl.pt/128/5/1-296-v_PDF/1-296-v_PDF_24-C-R0072/1-296-v_0000_capa-guardas2_t24-C-R0072.pdf). Acesso em: 18 nov. 2018.

BATISTA, P. G. **Ter e Haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre: do social ao linguístico**. 2012. 70 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/BatistaPG.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.

BAZENGA, A. M. P. F. A concordância de terceira pessoa plural: a variedade insular do PE (Funchal). *In*: VIEIRA, S. R. (Org.). **A concordância verbal em variedades do Português. A interface Fonética-Morfossintaxe**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Vermelho Marinho, 2015. p. 74-101. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/308011987\\_A\\_concordancia\\_de\\_terceira\\_pessoa\\_a\\_plural\\_a\\_variedade\\_insular\\_do\\_PE\\_Funchal](https://www.researchgate.net/publication/308011987_A_concordancia_de_terceira_pessoa_a_plural_a_variedade_insular_do_PE_Funchal). Acesso em: 01 mar. 2020.

BAZENGA, A. M. P. F. A variação entre ter e haver em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal). *In*: Carrilho, E.; MARTINS, A. M.; PEREIRA, S.; SILVESTRE, J. P. (Org.). **Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro**. Lisboa: CLUL, 2019. p. 181-216. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/2543/1/A%20varia%c3%a7%c3%a3o%20entre%20ter%20e%20haver.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

BAZENGA, A. M. P. F. **CSF - Corpus Sociolinguístico do Funchal**. CIERL - UMa - Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. Disponível em: <https://testuma.sharepoint.com/:f:/s/investigacao/cierl/EtNaj7eZ-91BoV3SYO69HgMB0rifbx3CEIy9GcpcP-vTRQ?e=nRY0MJ>. Acesso em: 29 fev. 2020.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.

CALLOU, D. O projeto NURC no Brasil: da década de 70 à década de 90. **Revista de Linguística** (impressa). São Paulo, v. 11, 1999. p. 231-250.

CALLOU, D.; AVELAR, J. O. de. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Revista Gragoatá**, n. 9, p. 85-100, 2000. Disponível em: [http://www.academia.edu/15828109/Sobre\\_TER\\_e\\_HAVER\\_em\\_constru%C3%A7%C3%B5es\\_existenciais\\_varia%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_mudan%C3%A7a\\_no\\_Portugu%C3%AAs\\_do\\_Brasil](http://www.academia.edu/15828109/Sobre_TER_e_HAVER_em_constru%C3%A7%C3%B5es_existenciais_varia%C3%A7%C3%A3o_e_mudan%C3%A7a_no_Portugu%C3%AAs_do_Brasil). Acesso em: 14 maio 2018.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

BRISSOS, F.; GILLIER, R.; SARAMAGO, J. O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical. *In*: Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 31., 2016, Porto. **Textos Selecionados [...]**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: APL, 2016. p. 31-47. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/issue/view/116>. Acesso em: 03 mar. 2020.

CUNHA, C.; CINTRA, L. L. F. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CYRANKA, L. F. M; RONCARATI, C. Atitudes Linguísticas: uma pesquisa em escolas públicas de Juiz de Fora (MG-Brasil). *In*: Congresso Internacional da ABRALIN, 5., 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: IDEIA, 2009. v. 1. p. 1-20.

DUTRA, C. de S. **Ter e haver na norma culta de Salvador**. 2000. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

FASOLD, R. **The sociolinguistics of society**. 3. ed. England: Basil Blackwell, 1990 [1984].

GRIES, S. T. **Estatística com R para a linguística**. Tradução de Heliana R. Mello, Crysttian A. Paixão, André L. E. Souza e Júlia Zara. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/216876378\\_Estatistica\\_para\\_linguistas\\_atraves\\_do\\_R](https://www.researchgate.net/publication/216876378_Estatistica_para_linguistas_atraves_do_R). Acesso em: 29 fev. 2020.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – **ReVEL**, v. 5, n. 9, ago. de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_9\\_entrevista\\_labov.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf). Acesso em: 05 nov. 2017.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. 2. ed. Cambridge: University Press, 2006. Disponível em: <http://idiom.ucsd.edu/~bakovic/variation/Labov-2006.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2016.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Cognitive and cultural Factors**. Oxford: Blackwell, 2001. v. 3.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001. v. 2.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1.

LAMBERT; W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluation reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal Social Psychology**, n. 60, p. 44-51, 1960.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. Processos de mudanças no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. **Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 2003. p. 87-114. v. 1. Disponível em: [www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/62341-1.pdf](http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/62341-1.pdf). Acesso em: 14 out. 2017.

LUCCHESI, D. Norma Lingüística e Realidade Social. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 63-92.

MARINS, J. E. **As repercussões na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com ter e haver no PB e no PE**. 2013. 154 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MARTINS, L; CALLOU, D. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. In: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 5., 2003, Curitiba. **Anais Eletrônicos [...]**. Curitiba: Mídia Curitibana, 2003. p. 820-825. Disponível em: <http://celsul.org.br/Encontros/05/pdf/114.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p.15-31.

OLIVEIRA, C. S. de O. **A variação entre ter e haver em construções existenciais na fala e na escrita da variedade riopretense**. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual

Paulista, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122109>. Acesso em: 10 jun. 2017.

OLIVEIRA, J. F. de. **Variação dos verbos ter e haver em sentenças existenciais no Sertão alagoano**. 2017. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

PAIVA, M. da C de. Transcrição de dados linguísticos. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 135-146.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 179-190.

PEREIRA, S. A. A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses. *In*: Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 29., 2014, Porto. **Textos Selecionados [...]**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: APL, 2014. p. 445-464. Disponível em: <https://docplayer.com.br/33270952-A-sintaxe-na-classificacao-dos-dialetos-portugueses-silvia-afonso-pereira-clul.html>. Acesso em: 03 mar. 2020.

PESTANA, Y. N. H. **Particularidades morfossintáticas em variedades rurais do português falado na Ilha da Madeira**. 2019. 108 f. (Tese de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Universidade de Zurique, Zurique, 2019.

RIBEIRO, P. R. O.; SOARES, M. S.; LACERDA, P. F. A. da C. A realização da noção de existência no “mineirês”: um estudo da variação dos verbos *ter*, *haver* e *existir*. **Revista Signótica**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 535-561, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/19192/15795>. Acesso em: 26 jun. 2016.

RODRIGUES, L. da S. **O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do Português Brasileiro e Europeu**. 2018. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33428/1/2018\\_tese\\_lsrodrigues.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33428/1/2018_tese_lsrodrigues.pdf). Acesso em: 01 mar. 2020.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X** - A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref). Acesso em: 10 jun. 2017.

SEGURA, L. Geografia da Língua Portuguesa. *In*: RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. (Coord.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013a. cap. 4. p. 105-115.

SEGURA, L. Variedades dialetais do português europeu. *In*: RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. (Coord.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013b. cap. 5, p. 83-142.

SILVA, R. N. A. da. **Variação ter/haver na fala pessoense**. 2001. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

SOUZA, F. F. de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?** A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

VIANA, R. B. de M. **Uma fotografia variacionista dos verbos existenciais haver/existir/ter no português oral culto de Fortaleza-CE**. 2018. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2018. Disponível em: [http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_RAKEL%20BESE\\_RRA%20DE%20MAC%C3%8ADO%20VIANA.pdf](http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTA%C3%87%C3%83O_RAKEL%20BESE_RRA%20DE%20MAC%C3%8ADO%20VIANA.pdf). Acesso em: 29 set. 2019.

VIANNA, J. B. de S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/ViannaJS.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

VIANNA, J. B. de S.; LOPES, C. R. dos S. Implementação de a gente nas funções de acusativo, dativo e oblíquo: reflexões, propostas e primeiros resultados. **Linguística**, Montevideo, v. 29, n. 1, p. 11-36, jun. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2079-312X2013000100002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2013000100002&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 01 mar. 2020.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. M. P. F. A concordância de terceira pessoa do plural: padrões de variedades do português. In: VIEIRA, S. R. (Orgs.). **A concordância verbal em variedades do português: a interface fonética-morfossintaxe**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. M. P. F. Patterns of third person verbal agreemen. **Journal of Portugese Linguistics**, v. 12, n. 2, p. 7-50, 2013. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/articles/10.5334/jpl.67/galley/76/download/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

VIEIRA, S. R.; MOTA, M. A. C. da (Org.). *Corpus Concordância*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO; S. F. **CORPORAPORT: Variedades do Português em análise**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. Disponível em: [www.corporaport.letras.ufrj.br](http://www.corporaport.letras.ufrj.br). Consultado em: 28 fev. 2020.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **Construções existenciais com os verbos ter e haver na fala e na escrita: uma análise comparativa**. 2013. 29 f. Relatório de Pós-Doutorado. (Pós-doutorado Júnior em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?** 2012. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/2441/1/Te-haver%20existenciais%20na%20fala%20alagoana%20-%20varia%c3%a7%c3%a3o%20est%c3%a1vel%20ou%20mudan%c3%a7a%20em%20progr-esso.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.